

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

vinte fica com a imagem de que o povo é o útero onde o livro foi criado. Paulo Freire parece ter sido apenas uma carinhosa, cuidadosa, competente e muito responsável parteira, que se apaixonou pela criatura que ajudou a nascer.

Ler o *Pedagogia da esperança* é um ato de prática da pedagogia de Paulo Freire. Vamos construindo o saber junto com o pedagogo que conversa com a gente. Ao final, sabemos como, onde, por quem, e para quem a idéia foi gerada, formada, veio à luz e, ainda mais, sabemos uma parte dos frutos que ela depois gerou.

É também um ato de compromisso com a realidade que vamos conhecendo e transformando através dos compromissos que vamos adquirindo. Talvez seja

esta a melhor das lições de um leitor.

Perceber, com nostalgia, como os intelectuais

brasileiros

ativos nos anos 60 tinham vínculos e linguagem com o povo de seu país, antes da burocratização com que a academia brasileira criou seu mundo ligado ao exterior. As preocupações, as conversas de Paulo Freire com a gente do povo e com tantos exilados lembram um tempo de antes da apartação social.

E, com a nostalgia, vem a esperança de que a crise atual, em vez de levar, como a de 64, para a consolidação da apartação sirva para criar novos paulos freires, nos compromissos e na linguagem. *Pedagogia da Esperança* vai ajudar muitos jovens a descobrirem um passado muito atual, as possibilidades e o poder de transformar o mundo através da pedagogia. O livro provoca *esperança na pedagogia* que ele desenvolveu e que está em marcha.

A maior lição é perceber como os intelectuais ativos nos 60 tinham um vínculo com a população

Dez anos de conversas

Claudius Ceccon

Conheci Paulo Freire em Genebra, em 1970. Amigos comuns haviam recomendado que recebêssemos Paulo com carinho, em mais aquele exílio. Nem era preciso recomendar. O homem exala calor humano — amorosidade, como ele diz. Além disso, para nós, brasileiros, e para os latino-americanos que o haviam descoberto no Chile, Paulo já era um mito. E naquele momento, o mito se internacionalizava, com a publicação da *Pedagogia do oprimido* em inglês, por Alfred Knopf, em Nova Iorque. As edições se esgotavam uma após outra, e americanos, europeus, africanos e asiáticos se esforçavam em pronunciar o neologismo inventado por Paulo. *Conscientização* era uma nova palavra — mágica — capaz de explicar como e por que a alfabetização, cujas estatísticas acusavam fracassos retumbantes em todas as latitudes, agora se tornava possível.

O método Paulo Freire passou a ser usado como chave mestra para designar experiências as mais diversas que se reclamavam, não poucas vezes sem razão, do pensamento do mestre Freire. O Conselho Mundial das Igrejas, dono do passe de Paulo, deu-lhe ampla liberdade de movimentação. Foram mais de 10 anos de viagens internacionais, encontros, congressos, simpósios, conferências e papos. Isso mesmo, papos, ocasiões em que Paulo se punha à disposição de estudantes, educadores, intelectuais ou semi-analfabetos, para conversar, ou, como ele preferia, dialogar.

Paulo Freire é um conversador cativante, grande contador de casos, inventor compulsivo de palavras. Em seu inglês com forte sotaque nordestino, repetiu de mil maneiras a platéia atentas a análise da educação bancária, da falência dos sistemas educacionais que produzem a injustiça, o fracasso, a opressão e de suas propostas de uma educação para a liberdade. De alguma forma essas palavras calavam fundo, revelando mecanismos escondidos, dando nome a processos viciados, desenhando um quadro até ali mal percebido, com tintas de uma experiência

Claudius Ceccon é secretário executivo do Centro de Criação de Imagem Popular (ONG dedicada à elaboração de materiais didáticos)

vivida, comum a quantos cursaram uma escola, em qualquer latitude.

Uma das experiências mais ricas foi a Guiné Bissau, que pediu a Paulo Freire e sua equipe para que ajudassem a realizar uma campanha nacional de alfabetização. A equipe do IDAC (Instituto de Ação Cultural, criado em 1971 por um grupo de brasileiros para aprofundar o estudo da experiência que Paulo Freire iniciou no Brasil) mergulhou numa situação complexa, na qual se a crítica ao modelo educacional imposto por Portugal cabia como uma luva, as alternativas exigiam decisões políticas que encontravam dificuldades dentro do próprio governo. O projeto de assessoria durou cinco anos, até 1980, e serviu para preparar Paulo para a volta ao Brasil, logo que a anistia permitiu.

O mito Paulo Freire é tranquilamente administrado por este nordestino cordial que atende pelo mesmo nome. Paulo forma, com Pelé, Tom Jobim e Ayrton Senna, o quarteto brasileiro mais conhecido no exterior. Mas a reação que Paulo Freire provoca é qualita-

tivamente diferente. Em julho, ele foi convidado a visitar a Unicef de Nova Iorque. Era para ser um encontro fechado com algumas das diretorias mais importantes. Mas houve vazamento da informação e outra reunião teve de ser programada às pressas. A Unicef, uma organização acostumada a ver passar grandes estrelas sem que os assessoristas perguntem mais do que o número do andar, teve seu maior auditório lotado por funcionários e diretores, que se comprimiram para ver e ouvir Paulo Freire.

Há os críticos. Há os que fazem uma espécie de ecografia da obra de Paulo Freire, descobrindo quais as porcentagens de Hegel,

Marx e Anísio Teixeira de que é composta. Também há os que acham que Freire parou de renovar, que apenas repete fórmulas que lhe garantiram notoriedade. Aparentemente sem se importar, Paulo continua inventando, publicando e dialogando. A frente da Secretaria Municipal de Educação da maior cidade da América Latina, enfrentou as questões complexas da escola pública de São Paulo com tal determinação e destemor que garantiram menção entre as experiências renovadoras pesquisadas pela Unicef.

Rosa Torres, responsável pela organização da reunião de Nova Iorque, contou que foi cobrar da secretária o release que havia pedido duas horas antes e a encontrou embevecida com a leitura de um dos livros de Paulo. Ao ver Rosa Torres, a secretária fez questão de ler um trecho que a havia tocado especialmente. Pelo brilho dos olhos, era Paulo Freire fazendo mais uma das suas.

LIVRARIA
TIMBRE

SHOPPING CENTER DA GÁVEA
R. MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 52, L. 211 P. 1150
20659-900 RIO DE JANEIRO RJ TEL. (021) 274-1146

30%

de desconto
para pagamento
em cheque
ou dinheiro

OFERTA VÁLIDA ATÉ 31/12/92

ASSINATURAS JORNAL DO BRASIL

Demais Estados
(021) 800-4613 Ligação gratuita